**RELAÇÕES ENTRE A MEMÓRIA E HISTÓRIA**

**Palestra realizada na Faculdade de Educação (FAE-UFPel) , O7 de dezembro 2004**

Agradecimentos à comissão organizadora do evento e em particular profa Eliane. Considero esse um momento privilegiado de aproximação e dialogo com outra área do conhecimento.

O tema dessa intervenção é Memória e História e as relações com identidade social. Memória, História e Identidade e Identidade Social de fato são conceitos complexos que se interligam necessariamente sem perder, no entanto, o que particulariza cada um deles. Para falar da relação entre História e Memória tomo como fio condutor as definições de memória. No que se refere à Identidade Social, para compreendê-la deve-se necessariamente passar pelo campo do conhecimento antropológico uma vez que o conceito de identidade é justamente um dos pilares no qual se fundamenta esse pensamento para abordar, registrar e analisar as diferentes manifestações culturais. Identidade, para ser compreendida, é preciso ser abordada como plural e relacional ou, como afirma Stuart Hall, como um processo de identificação. Essa noção do eu, do eu individual, do eu social, do nós coletivo, ocorre no processo social, são traduções, reinvenções, e necessitam da memória para existir.

Somos o que recordamos, ou somos o que nossa memória registra de nós mesmos, daí o grande desespero em pensar que um dia não nos reconheceremos mais pois que, porventura algum dano nos seja causado em nossa estrutura neurológica ou mental, perderemos a memória, fragmentando assim nossa identidade. A relação memória-identidade social foi objeto de um estudo que realizei com fins de dissertação de mestrado em Antropologia Social, com etnografia feita entre idosos domiciliares e em lares geriátricos. Da observação resultou o texto etnográfico no qual ficava manifesto que é a memória (os significados do passado no presente) que salvaguarda esses idosos, sobretudo em situação de isolamento, da fragmentação absoluta. Em situação de campo pude observar como objetos, fotografias, mobiliários, eram como âncoras do sujeito a uma outra temporalidade na qual ele se reconhecia como pessoa (aqui no sentido de persona).

Mas, o que é então a memória, ou melhor, como nós, do campo das ciências humanas pensamos memória e sua relação com a história. Certo é que não podemos não considerar as neurociências quando sabemos que memória se dá num processo individual: é o sujeito que rememora. Logo todos os avanços da neurologia (séc.XIx Paul Broca, passando pela sua grande descoberta em localizar no cérebro, córtex frontal, a sede da memória antiga, são pontos de apoio para o estudo da memória social). Credita-se às neurociências essa compreensão atual que se tem do processo mnemônico como resultante da ação de neurotransmissores (as informações sensoriais são codificadas em redes de neurônios que entram em atividade sincrônica produzindo um modelo neuronal desta ou daquela informação), e de algumas constatações como aquelas atreladas ao mal de Alzheimer, cujos sintomas passam justamente pela perda de memória e cujos danos podem ser maiores ou menores conforme o numero de sinapses que o sujeito desenvolveu durante sua vida.

Para além de sua expressão física (é um processo neuroquímico, em suma), a nós interessa sua expressão social, ainda que não possamos, como dito anteriormente, não pensar que quem rememora são os sujeitos, pessoas, seres individualizados dentro de um determinado universo cultural. Quando pensamos nessa memória social devemos voltar o pensamento para seu lugar de origem, o universo mitológico.É na mitologia que a memória se reveste de seu caráter mais profundo, sua função mais desafiadora, qual seja, a de vencer a mortalidade. O lugar da Memória é, pois, o lugar da imortalidade.

Hesíodo, na Teogonia, narra a origem dos deuses na tradição grega, conta que no princípio surgiu Gaia (a Terra), que se une a Urano (o Céu). Dessa união surgem seres fantásticos, os Titãs, e entre eles Mnemósine. A palavra grega prende-se ao verbo *mimnéskein*, que significa "lembrar-se de". A titâ Mnemósine, assim, vem a configurar no universo mitológico grego a própria personificação da Memória. Da união entre Mnemósine e Zeus surgem nove filhas, nove musas, dentre elas Clio, a história. História, filha da memória, é pois um elemento do mito, uma vinculação direta entre o passado e o registro do mesmo.

Nos tempos míticos cabia aos Aedos, usando-se da palavra poética, sacralizar a memória, celebrar os imortais, as façanhas dos grandes homens, impedir que suas bravuras fossem silenciadas e morressem. Tal como observa Vernant, cabe lembrar que a palavra Verdade (alethéia)= a(privativo, sem) + letheia (esquecimento), ou seja, verdade= não esquecimento. (Somos o que lembramos!). Entenda-se que o termo grego alétheia se refere ao que é conservado pela memória, pela palavra enquanto lethe é o domínio do silencio, do esquecimento. Na palavra árabe que identifica o ser humano INSAN, vemos a conjugação de um verbo nassa/yansa- esquecer (aquele que esquece).

A memória na perspectiva social teve pelo menos dois grandes teóricos, Henri Bérgson e Maurice Halbwachs. Bérgson, que por muito tempo esteve no ostracismo, é recuperado nos dias atuais, não tanto pela sua teoria da memória, mas sobretudo pela noção de duração, a única capaz de explicar como os sujeitos registram os processos temporais. Vivendo numa França do séc. XIX, esse filósofo ousou desafiar o cientificismo afirmando que há dois domínios, o do espírito e o da matéria, O corpo humano é matéria, a memória é espírito, é devaneio, logo não pode estar atrelada a um lugar. Ao dizer que a memória permanece como um todo, “como uma sombra ao lado do corpo”, Bérgson afirmava que a ela só podemos acessar, na sua dimensão mais profunda, através do sonho, do insconsciente. Coube a seu co-nacional , o jovem sociólogo Maurice Halbwachs, contrapor-se a essa idéia de memória pura ou espírito. Halbwachs, esse francês de origem polonesa, influenciado pelas idéias de Durkheim sobretudo, contrapor-se-á a Bérgson buscando responder como as pessoas lembram, que utensílios sociais utilizam para formar suas lembranças. Assim a tese fundamental dos Quadros Sociais da Memória é até hoje fundamental pois, segundo ela, para lembrar é preciso reconhecer esse mundo de significados, o que só podemos fazer através de categorias e molduras que nos conferem o social (família, religião, amigos, trabalho), logo a sociedade é origem da memória e os quadros são mediações (noções) de imagens vividas em uma sucessão temporal . No seu trabalho póstumo (Halbwachs morreu num campo de extermínio na segunda guerra), A Memória Coletiva, o sociólogo pensa na importância dos grupos e da linguagem para a existência da memória, e lança no presente as razões para lembrar. Memória é trabalho, é ação de um sujeito em seu lugar social, no agora, no presente.

É no cruzamento dessas duas vertentes que me proponho a discutir agora nossa condição humana, nesses tempos contemporâneos, fortemente marcados por uma avassaladora presença da memória,como se estivéssemos, conforme Andréas Huyssen, seduzidos por ela. Conforme esse autor, um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do séc. XX. Essa “cultura modernista”, representada pelo Homem Novo (ícone dos regimes totalitários) foi alimentada por aquilo que poderia ser chamado de “futuros presentes”. No entanto, a partir da década de 80 o foco parece ter-se deslocado dos futuros presentes para os passados presentes, um deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo. (nos anos 80 vem à superfície com muita força os relatos sobre a Shoa ou holocausto, fundação da History and Memory, surgimento centros de memória e história oral, a exemplo o Centro de Memória da Unicamp em 1985). Ainda conforme Huyssen, se a consciência da alta modernidade no ocidente procurou garantir o futuro, então se pode argumentar que a consciência temporal do final séc. XX envolve a não menos perigosa tarefa de assumir a responsabilidade pelo passado.

Essa obsessão contemporânea pela memória vem acompanhada pelo medo, quase fóbico, do esquecimento. O passado vem ansiosamente procurado por comunidades e etnias como um suporte identitário e fundamentalmente nos períodos de crise ideológica, social e econômica o que se percebe é uma reificação do mesmo através do culto da “nostalgia”, do mito do “precedente” como organizador da memória e identidade de uma sociedade ( aqui o texto de Hobsbawn sobre a Invenção das Tradições ou de Bela Feldamn-Bianco com o Saudade Portuguesa, comunidade de imigrantes portugueses nos EUA: dia de Camões, festa da saudade portuguesa).O passado nos vem, também, por diferentes formas de apreensão (é possível isso?) da memória e sua retenção (museus, memoriais, etc),nos vem transportado e trabalhado pela mídia, forma poderosa de geração de memórias (e esquecimentos). Nunca tivemos tantos espaços reservados à guarda de memórias, nunca ela foi tão comercializada (o retrô, os remakes, culto às antiguidades, moda “à l´ancienne”)nunca essa palavra foi tão repetida e tão evocada . Estaríamos vivendo uma síndrome de Funes, el memorioso de Borges? (nesse conto Borges fala de um homem que se lembra de tudo e à força de tanto lembrar-se, já não vive, apenas registra, nos mínimos detalhes, datas exatas, todos os traços, mesmo os menos relevantes, em suma, tudo que há para lembrar. E por isso já não pensa, não conhece a alegria dos devaneios, das livres associações que habitam o espírito). Ao mesmo tempo, o enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e do espaço vivido, como se nos ameaçasse constantemente o temor pela ausência do amanhã ( No artigo “Addio del passato: memoria storica, oblio e identità colettiva”, Remo Bodei fala da verdadeira indústria de heranças culturais que surge acompanhando essa ansiosa busca de memória nas duas últimas décadas. Diz o autor que, se de um lado esse movimento liga o presente ao passado, de outro o projeta numa dimensão nostálgica fundamentalmente porque reitera a ausência de algo que já não mais existe. Exemplifica com o caso, nos anos 90, da proliferação na Inglaterra de museus da pesca, da indústria, de mineração (principalmente em lugares onde essas atividades já não mais são praticadas ou estão em crise). É sobre isso que desejo pensar em conjunto, sobre esse fenômeno contemporâneo da memória reificada.

 Todorov discutindo o que denominou de “Abusos da Memória” afirma que a descoberta do passado é indispensável, fundamentalmente porque a identidade pessoal e a identidade de um grupo são construídas sobre as imagens que ficam desse passado. Em outras palavras, diz o autor que o sujeito presente é um espaço sobre o qual intervêm como personagens ativos um ser arcaico, formado na infância, e um ser refletido, imagem que se forma socialmente do sujeito. A memória seria, então, responsável não somente pelas convicções e noções que carrega consigo esse sujeito social mas também por sentimentos, pela idéia de pertencimento, de origem.

Fundamentalmente, questiona Todorov se esse passado deve necessariamente reger o presente, impor-se como absoluto e norteador, impedindo de maneira sistemática o recurso ao esquecimento. Essa tendência a uma hipertrofia da memória que se manifesta nos dias atuais pela disseminação descontrolada de ícones memoriais, de adoção de espaços definidos para alojar e salvaguardar integralmente a memória e algumas práticas memorialistas, seria, nas palavras do autor, um abuso, um excesso e um movimento de dupla conseqüência, pois ao mesmo tempo em que se protege alguma coisa do esquecimento, ao sacralizar-se, essa memória tornar-se-á, ela própria, estéril.

É nesse dilema que nos movemos, quando assumimos a consciência da existência do dilema, obviamente (o que nós, como profissionais envolvidos com questões de gerenciamento de memórias, devemos ter em mente, ainda que isso nos desestabilize). Logo, se torna importante reconhecer a memória, para além do mito, em seu aspecto funcional (garantir à sociedade a transmissão, o domínio e a preservação das coisas) como na sua forma de instituição, ou seja, como uma totalidade. Nesse sentido, poder-se-ia apresentar uma tipologia da memória, retendo-me um pouco naquela que mais constantemente é evocada, a memória coletiva. Assim teríamos:

1. Memória histórica- historia como operação laicizante; historia e memória (política, fatos históricos, o mito histórico)

2. Memória Pública- monumentos, comemorações, em geral mediatizada pelos meios de comunicação, a grande memória totalizante: EX: CAMISARDS de Phillipe Joutard, movimento de revolta protestante no sul da França, região do Cevenol, em finais séc XVII. Joutard nos apresenta como essa memória camisard foi sendo construída ou negada, ou até mesmo reinventada, dependendo do momento (esquecimento e negação séc. XVIII, romantização no XIX, mitificação no período guerra com as idéias de resistência, luta; monumentos públicos onde aparece figura de Marianne, emblema da Revolução Francesa: por vezes é heroína com o barrete frígio, por vezes esquecida, quando a república entra em baixa); monumentos aos mortos de guerra. Memória Publica foi o que me levou a investigar o caso de minha cidade natal, Rio Grande, sul do Rio Grande do Sul, que recebe no início dos anos 90 o título de “Rio Grande Cidade Histórica”. Fundada em 1737, essa cidade cujo quadro urbano nos deixa vislumbrar testemunhos de diferentes épocas, se apresentava para mim como uma cidade amnésica, um lugar no qual os prédios antigos eram tão simplesmente demolidos e o debate sobre preservação patrimonial sempre difícil e silencioso. È nesse contexto que a idéia de Rio Grande cidade histórica veio para mim como essa memória pública, esse emblema gerado pelos canais de mídia, esse slogan utilizado para valorizar, em termos turísticos logo econômicos, uma cidade desmemoriada. Foi assim que, buscando desafiar minha própria crença, fui buscar num desses ícones do passado, a reflexão sobre lugares de memória. O lugar foi uma fábrica têxtil, Rheingantz ou Cia União Fabril, fundada por um filho de imigrante alemão, Carlos Guilherme Rheingantz, em 1873. Essa fabrica, especializada no processamento da lã, foi pioneira em vários setores, sobretudo no de leis sociais.

O objetivo dessa pesquisa foi o de complexificar a relação entre o coletivo, a memória e o individual. Quando os testemunhos materiais já não existem, quando as descontinuidades marcam o cotidiano de um sujeito e a experiência de compartilhar o mesmo passado já não pode ser repetida, será a memória que, reinventando o passado, impedirá a total fragmentação dos sujeitos. A outra inspiração tem a ver com o imaginário construído na cidade sobre a fábrica Rheingantz, um ponto de sustentação dessa fragmentada identidade de Rio Grande, mas, ao mesmo tempo, uma lembrança individual. O apito da fábrica ritmou, além das vidas dos seus empregados, a vida de pessoas que, pela proximidade geográfica, ficavam sob o espectro desse apito forte, cotidiano, impossível de não ser escutado. A cena das mulheres atravessando a Avenida Rheingantz e dispersando-se pelo bairro afora é emblemática de uma memória construída sobre si mesma, fundada sobre esses momentos de forte expressão de um tempo no qual a cidade viveu uma relativa estabilidade econômica.

Oitocentista, essa fábrica teve seu apogeu no pós-guerra, ainda que justamente os anos 50 marquem o principio do fim de uma empresa de caráter familiar. Os anos 50, apesar de trazerem consigo os elementos que conjugados apontarão para o fim, foram também um dos mais intensos períodos da história da Rheingantz, no qual as lembranças mais se detêm.Reconstruir a história dessa fábrica através da lembrança, da memória fortemente carregada de emocionalidade, foi a resultante de uma indagação: à aparente indiferença dessa comunidade riograndina frente os debates e às práticas preservacionistas, existiria, como contraponto, formas particulares de pensar e viver o patrimônio? Em que espaços se depositam, mais densamente, a memória coletiva?Foi com base a isso que o trabalho investigatório direcionou-se para a Companhia União Fabril, um dos denominados bens imóveis considerados passíveis de tombamento. Assim, essa empresa e sua história, passaram a ser observados a partir de inúmeras categorias e possibilidades de análise. Na perspectiva da história de Rio Grande como um todo, a fábrica foi abordada como um micro-universo, gerando a partir dela inúmeras interferências na economia, no desenvolvimento urbano, na configuração social da cidade. Nessa relação entre parte e todo que se pode estabelecer, surgem dois campos de relação mútua: a empresa e a cidade; a empresa e a comunidade formada em seu interior, e foi nessa lógica de pares justapostos, que a discussão da memória pública e memória coletiva foi se estruturando.

O trabalho com a Rheingantz me permitiu confirmar a tese Halbwachs que não há memória sem espaço. Não há memória sem as ruas que por tanto tempo foram atravessadas. A memória percorre os antigos caminhos e se nutre deles quando ainda existem, ou os recria em imagens e sensações, a partir dos vestígios deixados. De uma forma ou de outra, através dos sentidos ou do ato criativo, a paisagem onde a vida acontecia é moldura, cenário, é a própria matéria da recordação. Nesse espaço-cenário, muitos são os lugares de onde falam os sujeitos, e nele entrecruzam-se sentidos, porque muitas são as instâncias de vida que o povoam, como também muitas são as camadas de tempo que ali se interceptam e inúmeros os discursos gerados a partir dele. O espaço, como categoria analítica, é a que mais exige o sujeito como ator, porque espacialidade e corporalidade são conceitos complementares. Esse lugar, a fábrica, seus arredores, o bairro, a cidade, é recuperado através da percepção de um corpo, o que viveu, cruzou as ruas, explorou e transformou em familiar locais antes ignorados. A fábrica é o epicentro em torno do qual se estruturou de fato essa região da cidade, incidindo diretamente sobre o processo de ocupação do solo e urbanização. Nessa malha urbana gerada em torno da indústria e por iniciativa dela, uma rede de comunicação se estabeleceu integrando essa comunidade que se consolidou nas adjacências, diretamente vinculada à empresa através das casas dos funcionários ou de maneira indireta, nos bairros que passaram a ser locais de moradia dos trabalhadores, como o bairro Cidade Nova. Rio Grande, para quem entra na cidade e vai percorrendo a Avenida Presidente Vargas, encontra alguns sinais que anunciam a Rheingantz. O correr de casas em fita no lado esquerdo da rua, construções pequenas e ajardinadas, é a parte frontal da Vila São Paulo. Alguns metros adiante, no lado direito, um grande muro branco encobre o prédio atrás de si, deixando à mostra apenas as copas das árvores e a ponta de uma construção em arcos. Na parede, ao lado da bilheteria, se pode ler numa placa de madeira: Esporte Clube União Fabril. Ao chegar nesse ponto, o cenário que se abre é como observar a paisagem por uma grande angular: a avenida se alarga, se amplifica à visão pela composição de dois grandes conjuntos em tons claros, um em oposição ao outro: do lado esquerdo um muro alto, todo em branco, é cortado por um portão em ferro através do qual os ciprestes e sepulturas apresentam o cemitério da cidade; do lado direito, o número 210, o último da via que levou o nome da empresa: Avenida Rheingantz. No centro da construção, impactante pelo tamanho e pela beleza que ainda insiste em se manter apesar do tempo, ao alto está gravado: INCA Têxtil Industrial, nome que substituiu o da Companhia União Fabril, a fábrica Rheingantz, em 1970. Ela está ali, e tudo o que ainda persiste são indícios de um outro tempo, o tempo da fábrica. Em seqüência, primeiro se vê o pavilhão do depósito de tecidos, em seguida a porta de entrada da gerência, de acesso restrito e que levava diretamente, através de uma escadaria, às dependências da administração superior da empresa. Ao lado dessa porta está o portão central, via de acesso ao mundo da fábrica e logo se vê a grande caixa d’água, um dos ícones da Rheingantz, defronte ao imenso pavilhão destinado a fiação e tecelagem. O que vem a seguir formava, com a fábrica, um complexo arquitetônico de inspiração germânica, dividido entre construções para uso coletivo e as residências de contramestres, mestres e altos funcionários da empresa. Esse complexo conjunto edificado foi a materialização de projetos e necessidades impostas pelo crescimento da empresa. O princípio da harmonização entre os desiguais se encontra aplicado a esse espaço, onde a funcionalidade se aliou a inspirações e desejos mais subjetivos, buscando reconstruir, pelo estilo arquitetônico adotado e materiais utilizados, como coberturas em ardósia, por exemplo, um cenário que imitasse paisagens urbanas da Alemanha. Das casas para operários, que é o primeiro contato visual descrito, dois agrupamentos podem ser identificados, a Vila São Paulo e o Corredor. Essas habitações destinadas aos trabalhadores da fábrica começam a ser construídas na primeira década do século XX e até meados dos anos 50 eram destinadas aos operários homens, chefes de família. No que se refere aos prédios da fábrica, a austeridade e economia de detalhes é uma característica visível. Com elementos arquitetônicos de inspiração germânica, o prédio evoca atualmente sensações contraditórias, como a solidez e a fragilidade. O estado atual do imóvel, de visível desgaste, sugere um diálogo estabelecido com a construção que lhe faz contraposição, que é o cemitério da Santa Casa de Misericórdia. Essa composição espacial, que pode ser expressa como uma metáfora da morte, é reafirmada quando, atravessando a rua 2 de Novembro e seguindo pela Avenida Rheingantz terá necessariamente o observador que se deter na frente do prédio de número 194, onde funcionou originariamente o Cassino dos Mestres e posteriormente a Biblioteca, sede da Mutualidade e a Cooperativa. Nesse prédio apresenta-se sintetizada toda a idéia do abandono, não restando hoje um pouco mais do que algumas paredes e parte da fachada onde aparecem um dos elementos mais emblemáticos das construções destinadas aos alemães, o enxaimel, que cumpria, conforme relato da filha de um dos mestres, o papel de tornar mais familiar aos técnicos alemães que vinham para a fábrica, o ambiente que, por fatores climáticos, naturais, culturais, era tão diverso do país original. Ao lado, restando praticamente apenas as paredes esta o Grupo Escolar Comendador Carlos Guilherme Rheingantz e que é acompanhado pelo que foi o prédio do antigo Jardim de Infância. O que vem a seguir é um conjunto de moradias que começa por um corredor na lateral da fábrica onde se encontra o prédio que abrigava o Ambulatório, até finais dos anos 60. Ao lado, um outro corredor de casas construídas numa arquitetura bastante despojada, porta e janela que se destinava ao operariado que ocupava uma escala mais inferior na hierarquia de ofícios e cargos dentro da Rheingantz, e eram chamadas Casas do Corredor. O retorno à Avenida Rheingantz e a observação do que se mostra ao olhar, reafirmam essa idéia de uma topologia que reflete uma forte hierarquização do espaço, pois do lado direito de quem observa postado em direção ao centro da cidade estão as casas dos funcionários de mais alta posição técnica e administrativa que ainda na década de 60 eram quase exclusivamente alemães, e do outro lado da rua, excetuando o prédio onde morou um dos filhos do fundador, são todas casas de operários pertencentes a um nível médio na pirâmide de cargos e ofícios sobre a qual se estruturava a organização interna da empresa.Desse conjunto de imóveis, incluindo o complexo fabril, o Esporte Clube União Fabril, e a Vila Operária (parte interna), todos estão enquadrados na Lei Municipal de número 4556 que “classifica edificações de interesse sociocultural e concede benefícios aos proprietários para que sejam preservadas”, garantindo o abono da taxa do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) aos efetivos moradores ou proprietários desses prédios, no compromisso de que sejam mantidas as características originais do mesmo.

Lugares de luto. Essa idéia da morte como metáfora que represente a decadência e o fechamento das atividades da Fábrica Rheingantz está referenciada nas falas dos ex-operários, surgindo com recorrência a categoria ruína que indica a situação de gradativa, constante e crescente depredação que vem sofrendo o prédio da fábrica, e cuja visibilidade está escancarada na fachada que ostenta quase como um último símbolo do passado, os portões de madeira; está nos pavilhões semidestruídos, na falta de manutenção generalizada. Mas há um outro sentido que pode ser atribuído ao termo “ruínas”, o do irrefreável declínio de uma empresa que é na verdade representado como o malogro de um projeto, a falência no presente de um sonho do passado. Esse arruinamento crescente é atestado também pelos atuais usos dados ao pavilhão da antiga Fiação, o maior e mais conservado deles. Nesse espaço vêm ocorrendo alguns eventos destinados a grande público como as feiras de animais de estimação, feiras de artesanato ou comemorativas de datas festivas. A ruína aqui passa a identificar essa dessacralização de um espaço originariamente destinado ao trabalho, no interior do qual ainda estão alguns indícios de sua função original, cenário de tantas trajetórias.

O prédio da antiga Fábrica Rheingantz e seu entorno formam um corpo memorial a medida em que ativam, através da visualidade, dos inúmeros signos visuais ali dispostos, um cenário cujo modelo original se encontraria no passado.Essa idéia de um local de trabalho sobrevivendo através de escombros aparece nas narrativas como uma metáfora do empobrecimento gradativo da cidade que veio em decorrência da retração da atividade econômica industrial.

Transpondo os portões principais se tem acesso a portaria, atualmente desativada, como aliás todo o complexo, e que era o lugar por onde todos os funcionários deveriam passar e no qual eram feitos os primeiros procedimentos de controle da freqüência e assiduidade. Essa portaria dos tempos atuais não tem mais nenhuma função, não tem mais a quem controlar, porém continua sendo investida de significado; no presente, é como um último reduto, a última resistência a ser transposta por alguns ex-funcionários aposentados que ainda persistem em freqüentar diariamente a fábrica, como um grupo de mulheres que semanalmente se encontravam na antiga sala de costura. Na portaria ficou, até o fechamento total da firma em 1999, um funcionário aposentado do “tempo dos Rheingantz”, que diariamente, durante muitos anos, cumpria um ritual de reinvenção do tempo: todas as semanas, de segunda a sexta-feira encarregava-se de abrir os portões da fábrica nos horários que durante muitas décadas foram aqueles que ritmaram o trabalho, abrir às 7h15min, fechar às 11h30min, reabrir às 13h30min e encerrar às 17h30min. Esse ex-funcionário da Companhia União Fabril é um dos exemplos de pessoas, egressas da fábrica, que ainda a freqüentam e não raro algum ex-operário (e fundamentalmente as mulheres) entravam na fábrica para conversar com quem ali estivesse, para encontrar-se com outros, para constatar, mais uma vez, a impossibilidade do retorno integral do passado. Representando uma guarda que não mais existe, Seu Hilso e os outros aposentados continuam em sua ronda diária ao local que no passado abrigou o trabalho.

Entrando no espaço da fábrica, ultrapassando o núcleo onde ficavam os setores de Pessoal, Expedição e no piso superior, administração e gerência, se tem acesso ao pátio central, ponto de partida para todas as seções de produção. Entrar hoje nos diversos pavilhões da Rheingantz é verdadeiramente incursionar no espaço da ruína, grandes vazios onde, no tempo evocado pelas falas, existia um intenso fluxo de trabalhadores. Esses 155.000m² de superfície e 45.000m² de área coberta, onde muito pano foi tecido, muito tapete foi fabricado e muita vida circulou, abrigam-se o silêncio e estranhas esculturas naturalmente formadas pelo processo de ferrugem e degeneração do maquinário em ferro, alguns já totalmente destruídos. Percorrer esses vazios se torna uma espécie de incursão em planos sobrepostos quando se tem em mente o que alguns materiais de divulgação descreviam, como a edição comemorativa aos 85 anos da empresa feita pela revista América Magazine, que apresenta imagens de uma fábrica modelo, com todos os setores funcionando totalmente, com fotografias que tentam mostrar um mundo de total assepsia, modernização, organização e harmonia entre trabalhador e fábrica.

O presente se apresenta como um vazio, o dos projetos, do futuro, dos pavilhões desertos, o espaço superdimensionado pelas grandes ausências como o que ocorre no pavilhão que sediou toda a atividade das oficinas mecânica e elétrica. Um imenso buraco na cobertura expõe a céu aberto o que sobra como vestígios do que existiu ali. Uma imagem de entrelaçamentos de vazios é o que se observa ao entrar no local, onde, conforme algumas falas, era feito todo o trabalho de manutenção em peças que compunham o maquinário, sendo que até a década de 50 até mesmo o mobiliário utilizado na fábrica era produzido na grande marcenaria que ali foi organizada.

 A incursão nos pavilhões que ainda mantêm algum maquinário como a fiação, a tecelagem e as urdições, propõe o contato com uma estética própria gerada por objetos que, ao contrário daqueles reconhecidamente de valor museológico, adquirem sentido se entendidos como um texto onde pelo trabalho de recuperação feito pela memória, são então investidos de valor afetivo, pois representam um pouco da trajetória social do lugar e dos sujeitos. Ao mesmo tempo, segundo Jeudy, esses objetos industriais trazem como singular o fato de ainda permanecerem em seus lugares e portanto não exigem mais do que serem designados ou não como objetos a conservar ou a abandonar. Diz o autor que, diferentemente de outros objetos e lugares reconhecidamente de valor estético, o patrimônio industrial parece destinado ao esquecimento. Não se trata mais de uma obra de arte em perigo mas de um desabamento decorrente da indiferença ou recusa de reconhecimento. O desaparecimento apresenta-se então como algo ativo e acompanha o movimento de decomposição atual dessas construções.No entanto, se a construção industrial é investida de um outro tipo de valor estético, requer para seu reconhecimento uma outra percepção que associe espaço, trabalho e trajetórias. A constatação do risco de perda definitiva desse local de memórias colocaria em questão o desaparecimento dos traços mnemônicos em si. Aqui o relato de algumas ex-operárias que diziam virar a cabeça, ao passar pela frente do prédio, para não ver a degradação. No que se refere às pessoas que moravam nas casas pertencentes à Rheingantz essa vivência de um cotidiano pautado pela fábrica está muito forte nas falas, ainda que diferenciado dos que, durante a maior parte da jornada, viviam no interior do mundo delimitado pelos portões. Elemento centralizador de uma fase da vida, evocar os tempos da Rheingantz é também evocar um passado de infância ou juventude mergulhado numa trama social na qual a relação do sujeito com os referenciais espaciais é estruturante na recordação. Nessa comunidade estabelecida nos limites da fábrica, as vivências de infância estão vinculadas ao cotidiano fabril. Assim, ficar na porta esperando para ver sair a leva de funcionários ao fim de cada turno, fazia parte dessa sociabilidade gerada nesse ambiente. As vivências paralelas ao mundo do trabalho configuram um cenário de estratificações sociais que no caso dos funcionários alemães adquiria visibilidade não apenas por suas residências arquitetonicamente diferenciadas das demais, erigidas obedecendo a um padrão arquitetônico de forte influência germânica, com dois pavimentos e fachada ornamentada com elementos decorativos, além de serem edificadas com recuo da calçada, através de um pequeno jardim, mas fundamentalmente, no que se refere à forma de ocupação e interação dentro desse mesmo espaço.

Essas demarcações sociais, engendrando seccionamentos no mesmo espaço de convivência, tinham um perfil marcadamente étnico, e apenas com algumas poucas ressalvas, brasileiros ou outras etnias poderiam ascender a cargos mais elevados dentro da estrutura administrativa da empresa. Quando isso ocorria, era garantido ao funcionário e sua família uma relativa aceitação por parte dos alemães, sem no entanto abrirem espaço para uma aproximação mais íntima.

A idéia da multidão sendo liberada pela fábrica traz a idéia de uma totalidade, tanto no sentido de envolver o que está em torno, como compor uma unidade com ele, a composição do urbano, imagens de uma cidade que na década de 50 apresentava um grande contingente de trabalhadores na indústria. O bonde que passava pela frente da fábrica é referenciado em alguns relatos como um dos meios utilizados pelos que moravam fora do circuito da fábrica. Pegar o bonde para ir ao trabalho era prática comum para aqueles que moravam longe, e uma das primeiras linhas desse meio de transporte na cidade foi justamente aquela que percorria a chamada Linha do Parque, na entrada da atual Avenida Presidente Vargas, passando pelas fábricas Rheingantz, pela Ítalo-Brasileira e seguindo em direção ao centro de Rio Grande. Porém o meio de transporte mais utilizado era a bicicleta, para aqueles que moravam longe. Comprar uma bicicleta era parte da autonomia adquirida com o salário percebido na fábrica e seu uso foi bastante popularizado na década de 50, sendo, no entanto, mais evocado nas recordações o deslocamento de grupos de operários caminhando juntos em direção ao trabalho. Nos horários de começo do turno matutino, principalmente, a imagem recuperada nos depoimentos é a formação das redes de conhecidos que se juntavam para cumprir o trajeto em direção à Rheingantz. O grupo de moças, funcionárias da fábrica, adquire movimento na narrativa, percorre as ruas da Cidade Nova, vai-se avolumando cada vez mais pela adesão de mais gente pelo caminho, e o ruído dos tamancos vai preenchendo a rua. As ruas, o bairro, a sociabilidade que no espaço é engendrada, vai sendo trilhada nos trajetos da memória. A cena de trabalhadores deslocando-se pelas ruas, tantas vezes evocada pelos narradores, adquire maior definição quando a isso acoplam outros elementos como os cheiros e os barulhos.

3. Memória interditas: a memória como elemento no jogo político, memória dos processos políticos, memórias (Parque de la memória em Buenos Aires, o museu da memória da ESMA- escuela superior de mecânica de la armada, cativeiro clandestino de presos políticos); memória como elemento no jogo político, memória dos processos políticos, memórias vergonhosas (Michel Pollack e sobreviventes), memórias dolorosas (Primo Levi)

 4. Memória Coletiva- construída a partir de uma matriz coletiva de um grupo ( ex: memória dos imigrantes, podem não ser próprias mas por aproximação, ex: o grupo de trabalho da Rheingantz: pontos de ancoragem da memória).

Memória Coletiva: afinal, o que vem a ser memória coletiva?

Alessandro Portelli em seu texto “l´ordine è già stato eseguito” (a ordem já foi executada) nos mostra um instigante exemplo do que constrói (ou deconstrói) a memória dita coletiva.

 Cabe aqui, portanto, avançar um pouco sobre essa categoria, memória coletiva. Remeto-me a um artigo, de Noa Gedi e Yigal Elam, publicado na revista History and Memory primavera de 1986 no qual a questão central se apresenta já no título: Memória coletiva. O que é isso?

A discussão central é, a partir da idéia de memória moldada por estruturas sociais, conceito que nos vem de Halbwachs, entender como a memória, individual, pode ser estruturada por esse social. Para os autores, esse foi um dilema que o próprio Halbwachs não resolveu, mas indicou dizendo que as memórias individuais são pontos de vista da memória coletiva.

A discussão é sobre essa relação individual e social, debate entre memória e memória coletiva: pode o individual ter precedência sobre o social ou é precedido por este?

Para os memorialistas, herdeiros de Halbwachs, é o social que forma.

Para os autores, fica a pergunta: mas como forma?

Não apontando exatamente para respostas, apontam para um outro lugar de compreensão ao dizer que, desde que somente o indivíduo recorda (não o grupo), o único uso adequado da memória coletiva é como metáfora: usamos o termo memória, que nos é familiar, para nomear certos aspectos não familiares. Nesse sentido, memória coletiva se aproximaria muito mais do mito (estereótipo).

Essas indagações ficam presentes, sempre de maneira subliminar, quando percebemos que recordação e esquecimento podem e são faces da mesma moeda, inextricáveis em sua essência, e o que nos vem do passado, não é o passado, mas projeções do mesmo. Assim, cabe refletir se Buscamos fixar a memória como uma forma de vencer nosso dilema existencial, ou seja, de nossa condição mortal e fugaz, buscando talvez desafiar essa mortalidade ao resistirmos ao esquecimento. Caberia aqui pensar nas palavras de Borges quando diz "*el tiempo es un problema para nosotros, un tembloroso y exigente problema, acaso el más vital de la metafísica; la eternidad, un juego o una fatigada esperanza*." (J. L. Borges: "Historia de la eternidad", pág. 353).